

Paulo-Roberto Andel

O grande capital

Na porta do banco de empréstimos da Praça Tiradentes, um garoto franzino vai parando lentamente sua bicicleta financiada por um gigantesco banco brasileiro. Com olhar desconfiado, desembarca do veículo e o encosta na porta da financeira. Tira das costas sua enorme caixa cheia de guloseimas que ele não provará. Pega o pedido de alguma funcionária e entra na loja para fazer a entrega que lhe dará míseros reais.

[A rua parece tão vazia que tem ares de feriado, mas é tão somente a miséria da região]

A quinze metros da bicicleta do gigantesco banco brasileiro, duas pessoas em situação de rua estão praticamente desmaiadas de cansaço. Não é o sono da vagabundagem, como preferem os ignorantes: “Por que não levanta daí e vai procurar um emprego?”. A estupidez é uma tragédia. Bom, ali estão dois mortos vivos, largados a própria sorte que nada significam para a loja financeira, e muito menos para a bicicleta laranja da grande corporação bancária.

[Enquanto a cliente do iFood ri ao telefone, o menino magrinho continua à espera para finalizar o atendimento e partir para outra loja, sala ou endereço qualquer onde possa ganhar algum real.

A rua vazia talvez tenha uma explicação: o home office. E também a falta de grana: as pessoas simplesmente não se deslocam para o Centro. Continuam no ar as velhas promessas que não vão dar em nada.

Bem em frente à bicicleta laranja da grande corporação bancária, do outro lado da rua, pessoas nitidamente cansadas estão esperando ônibus em direção à Zona Norte. Hoje em dia há menos empregos, menos con-

sumidores e menos passageiros; consequentemente os coletivos são mais escassos. Quem tem paciência e mais dinheiro vai de metrô na Estação Carioca; quem precisa, fica. Ninguém ri. Ninguém conversa. Os rostos carregam o peso do cansaço.

Andando mais cinquenta metros, você pode chegar ao outro lado da Praça Tiradentes, onde tem a estação do VLT - volta e meia a máquina de cartões não funciona e os passageiros ficam a ver navios. Na esquina da Imperatriz Leopoldina duas jovens com roupas curtas e olhares perdidos, ambas com menos de vinte anos, especulam possíveis clientes para programas sexuais. São profissionais do sexo, o problema é que ninguém é verdadeiramente profissional de nada com menos de vinte anos de idade, a não ser os gênios e estes são bem raros.

Nos prédios da Praça, tudo parece silêncio das janelas. Um transeunte não pode sequer imaginar que, em alguma delas, haja um potencial suicida ou mesmo homicida. Não dá para saber nada do que a Tiradentes abriga, nem do céu nem da Terra. Se houvesse ao menos um declarado, logo surgiria um grupo de espíritos de porco que, à menor ameaça de suicídio, logo gritariam do térreo “Pula, Pula”, mostrando muito de certa face verdadeira no Brasil.

[Debaixo da marquise, a quinze metros do banco de empréstimos, as duas pessoas em situação de rua continuam absolutamente desmaiadas de cansaço, à espera da misericórdia que jamais virá.

É terça-feira, o inverno vai encaminhando sua despedida. A vida escorre. Os bons morrem jovens. Os arrogantes ladram por toda parte.

Estantes com lotação esgotada

CRÍTICA/LIVROS

Fotos Divulgação

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

Umberto Eco dizia que ninguém deve ter a pretensão de ler todos os livros de sua biblioteca, mas viver na presença desses volumes, folheados, escolhidos, tranquiliza o dono que sempre poderá, um dia, consultá-los. Foi o que pensei na semana passada ao arrumar meras três prateleiras de uma estante, tentando acomodar livros que se amontoavam enquanto aguardavam um cantinho que pudessem chamar de seu.

Como recebo muitos livros e adquiro uma boa quantidade também, nem sempre tenho como manter todos no meu modesto acervo por razão das mais singelas: falta de espaço. Assim, muitos vão para o que hoje se convencionou chamar “doação”. Para mim, são presentes preciosos, ainda que já lidos. Entrego em tão perfeito estado, que o presenteado sempre agradece!!!

Na fila dos presenteados deste mês estará um livrinho que já conquista quem o vê pelas encantadoras ilustrações. É um healing book, um livro de cura, novo segmento literário que reúne ficção motivacional, oferecendo perspectivas otimistas da vida. “Vou te receitar um gato” (Intrínseca, R\$ 49,90), da japonesa Ishide Syou, mostra, com delicadeza, os benefícios da convivência com os felinos. É a receita milagrosa para os pacientes do estranho médico à frente de uma clínica em endereço obscuro. Ao fim do tratamento, todos os pacientes decidem adotar um bichinho, abrindo os olhos para as necessidades dos outros. A narrativa segue o ritmo oriental, um tanto lento, mesclado com doses de fantasia que surpreendem o leitor. E haja figura de gatinho enternecedor,



quase um Instagram de fofura.

“Mundo cão — Contos fantásticos sobre seres maravilhosos” (Bloco Narrativo, R\$ 50), coletânea de crônicas e contos de jornalistas sobre a vida ao lado de cachorros, não entra na categoria curativa, porém mostra o quanto a convivência com animais enriquece a rotina dos humanos. Boa parte trata dos laços afetivos e emotivos entre pessoas e seus cães, as dificuldades de

integração com o cotidiano sendo superadas pela companhia dos bichos, com alguns textos narrados pelos próprios animais. Não faltam histórias com um pé na realidade fantástica e no misticismo, embora a maior parte esteja calcada no sentimento que une homens aos seus ditos melhores amigos.

Já quem gosta de autores consagrados vai se deliciar com os seres inusitados que protagonizam as criações de Margaret Atwood e reunidas em “Tig & Nell e outros contos” (Rocco, R\$ 60). Ao lado de gatos estão aliens, bruxas e até gente comum, como o casal Tig e Nell. Os textos foram publicados em revistas diversas, entre elas a New Yorker, refletindo sobre a contemporaneidade através de fatos do dia a dia, como o luto em família ou a relação entre mãe e filha, podendo ter ambientação fantástica ou totalmente calcada na realidade que conhecemos, sempre à procura de razões que justifiquem a existência no planeta.

Quem tem a carioquice impressa na alma vai se encantar com o guia de observação da cidade montado por Lúcia Shibuya em “2004 Diário carioca — A Princesinha do Mar” (Literíssima, R\$ 50), com diversas crônicas que convidam o leitor a descortinar o Rio de Janeiro. A cidade é o personagem observado pela narradora, que registra, ao longo de uma década, a mudança nos bairros da Zona Sul, a ocupação dos imensos salões que outrora abrigavam cinemas por academias de ginástica ou megastores, a decadência, aos olhos dos antigos cariocas, de áreas nobres cujo custo de vida nem sempre é compatível com a ausência do Estado para garantir saúde e segurança. O lançamento será neste sábado, no restaurante Botequim (Rua Visconde de Caravelas, 22, Botafogo) das 18h às 21h.